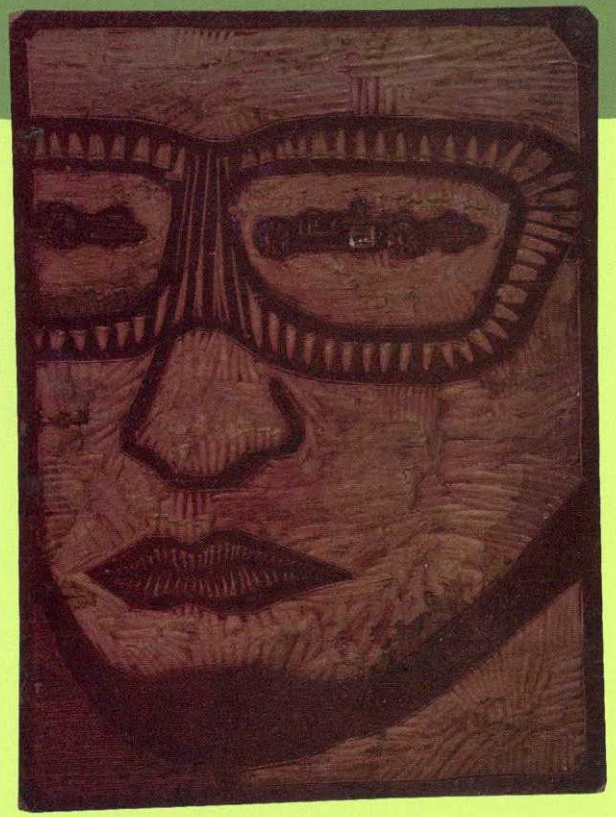
Henrique Fuhro

MARGS



Matriz, c. 1970

Xilogravura, c. 1960

Henrique Fuhro no MARGS

O nome do Jogo I, 2002
Acrílica sobre tela
50 x 70 cm
Col. família Fuhro

É com muito orgulho que o Governo do Estado do Rio Grande do Sul, através da Secretaria de Estado da Cultura, presta esta homenagem a um grande artista brasileiro, Henrique Fuhro, gaúcho de Rio Grande, nascido em 1938 – um dos mais importantes gravadores de sua geração.

Não estamos diante de uma retrospectiva completa de sua criação, mas sim de uma mostra de caráter panorâmico, com parte significativa da sua obra, a partir de uma seleção feita cuidadosamente entre familiares, amigos e alguns colecionadores, pessoas do círculo de convivência do artista.

Portanto, estamos diante de um Fuhro muito particular.

Uma das preocupações do curador Renato Rosa ao montar a exposição foi "recompor" a obra gravada de Fuhro, reunindo o maior número possível de xilogravuras, além de trabalhos do início da carreira, produções da juventude e obras inéditas. Formar uma espécie de síntese de sua trajetória com o que de melhor poderia caracterizar sua obra, incluindo ainda uma seleção de estudos, catálogos, entrevistas e depoimentos de seus contemporâneos. Este foi o desafio.

Diante do universo dessa seleção – xilogravuras, litogravuras, desenhos e pinturas, com destaque especial para o último e inacabado trabalho – o público vai tomar contato com um artista completo, que evoluiu a partir de uma linguagem que ele próprio criou, com um estilo muito pessoal, que surpreende até mesmo aqueles que têm familiaridade com a sua obra.

É um privilégio para o MARGS proporcionar ao público mais uma oportunidade de apreciar o trabalho de artistas de nosso estado reconhecidos no país e no mundo pela qualidade da sua criação.

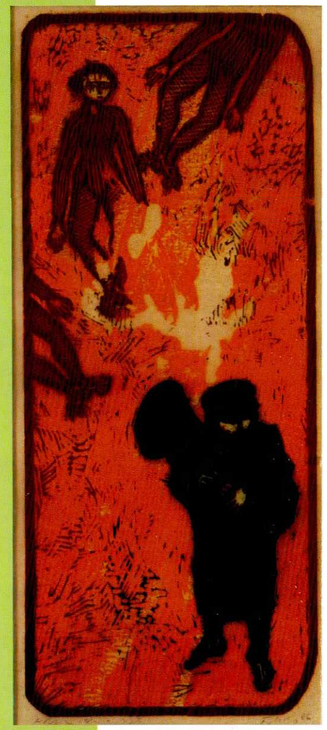
Cézar Prestes
Secretário de Estado da Cultura
Porto Alegre, dezembro de 2010

O selvagem

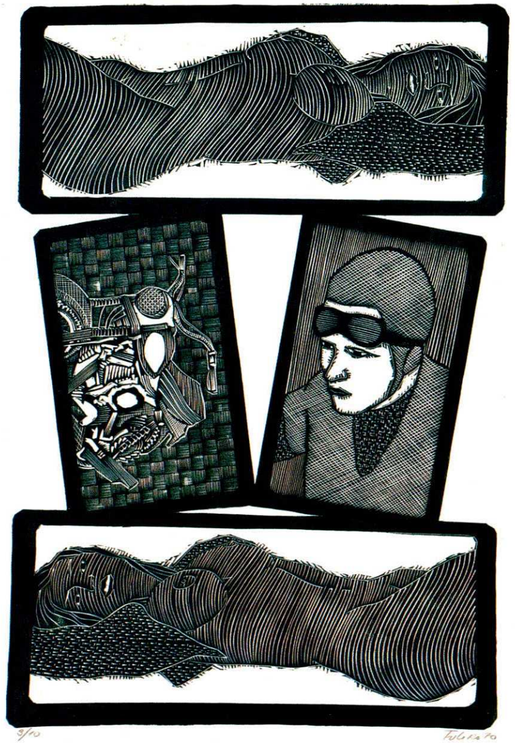
Sem título, c. 1968
Xilogravura
Col. particular

Henrique Fuhro iniciou sua carreira artística na juventude como pintor, primeiro como um cezanesco e depois um matissiano. Quando passou a exercitar a gravura, Munch foi a primeira descoberta seguido de Kirchner e Danúbio Gonçalves seu mestre em litografia. Mas sua juventude foi povoada pelos personagens cinematográficos da época, o ator Marlon Brando a frente com o filme "O selvagem"; isso lhe foi determinante: identificando-se, abraçara a causa rebelde. Entre suas preferências e influências, contam muito as histórias em quadrinhos assinadas por Will Eisner com "The Spirit" e Alex Raymond com "Flash Gordon". Muitos pensam que foi Lee Falk com "O Fantasma", não. Também contribui para sua futura iconografia pessoal os "catecismos" proibidos de Carlos Zéfiro, a delícia erótica da década de 50. Leitor voraz desde sempre - todos os livros de sua biblioteca, ainda conservada - foram li-dos!!! Nascido em Rio Grande, em 1938, filho de pai jornalista e literato com mãe de prendas domésticas com pendores artesanais, provém desse nascedouro natal sua visão dos ingleses golfistas e jogadores de futebol, personagens que perpassam toda a sua obra. Parte de sua infância e primeiros anos da juventude transcorreu entre as cidades de Porto Alegre, Niterói e Rio de Janeiro. Já trilhando o caminho artístico, na década de 1950, residindo em São Paulo, foi assistente do fotógrafo Otto Stupakoff; data desse período o encantamento com as primeiras bienais – com a visão de "Guernica" e a paixão por Picasso -, o convívio com Lívio Abramo, Maria Bonomi e Marcelo Grassmann, artistas de sua admiração. Ao tempo que receber premiações em salões era considerado importante Fuhro papou os mais importantes em âmbito nacional, seja em Curitiba, São Paulo, Rio, Salvador, Belo Horizonte, além de participações na representação nacional em algumas edições da Bienal Internacional de São Paulo. Seus trabalhos constam em acervos importantes como a Universidade de Stanford, Califórnia, Pinacoteca de São Paulo, Fundação Vera Chaves Barcellos, Coleção APLUB, Pinacoteca Aldo Locatelli, dentre outros. Integrou, como artista convidado, exposições nacionais e internacionais como Créativité dans l'Art Brésilien Contemporain, Musées Royaux des Beaux-Arts de Belgique, Bruxelles, sob a curadoria de Jacob Klintowitz. Sua obra foi amplamente analisada pela crítica profissional do país. Dono de extensa bibliografia é verbete com reprodução no "Dicionário das artes plásticas no Brasil" e "Brasil arte 50 anos depois", ambos de Roberto Pontual; "Dicionário de pintores brasileiros", de Walmir Ayala; "História da arte brasileira", de Pietro Maria Bardi, e "História geral da arte no Brasil" de Walter Zanini. Nos livros "Mestres do desenho brasileiro" e "Artistas gravadores brasileiros", ambos de Jacob Klintowitz, consta com diversas ilustrações e em "A criação plástica em questão", Walmir Ayala registrou-o com extenso depoimento. Após circular pela Europa, atualmente sua obra circula em mostra itinerante pela América Latina, em coletiva de gravadores organizada para o Itamaraty por Luiz Dolino. Esta exposição comemora, de certa forma, seus 70 anos. Amante do jazz, da arte e literatura norteamericana, da vida boêmia, na vida foi seu próprio personagem com um humor único, refinado e debochado, para situar, digamos assim: entre a cachaça e o champagne. Até aqui, "cuidei" da obra de Fuhro, agora, ela pertence a História.

Renato Rosa
Curador



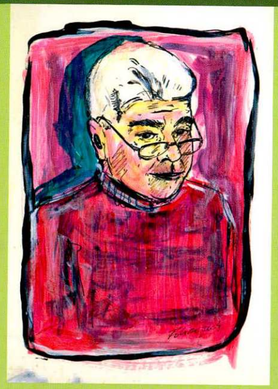
Ainda é tempo irmãos, 1966
Xilogravura
Col. particular



Sem título, 1970
Xilogravura
Col. Renato Rosa

Fuhro, o biógrafo da solidão.

Eu não diria que Fuhro e eu fomos companheiros na utopia. Nunca fomos tão solenes. Éramos amigos e, durante décadas, vejo agora, nos organizávamos em três rituais de convívio. O primeiro, era a conversava telefônica que se prolongava nas madrugadas. Ríamos muito. Talvez por falta de juízo. E discutíamos literatura, a nossa literatura, arte e comportamentos. O segundo ritual acontecia em eventuais viagens minhas à Porto Alegre. Esquecidos de tudo pela proximidade física e pela empatia lembrávamo-nos da nossa juventude gaúcha e de uma Porto Alegre expressionista colhida na nossa subjetividade.
O terceiro ritual tinha um caráter hierático e sagrado. No pequeno ateliê do Fuhro eu contemplava o seu trabalho. Um a um, com lentidão, de maneira demorada, ambos silentes, gravuras, desenhos, pinturas, eram mostrados e, às vezes, retornavam. Eu rompia o silêncio e falava sobre a nossa época, os rios subterrâneos da cultura e relacionava o seu trabalho com vertentes universais. Mais do que escolher uma corrente artística, tão voláteis, eu preferia identificar um sentimento que o unia às grandes personalidades. Para mim, Henrique Leo Fuhro era, e é, o artista que percebeu e registrou a perda da individualidade substituída pela função, como se pode encontrar na sua infindável série de figuras mascaradas.
E no movimento, no gesto de seus personagens, nas ações repetitivas, sempre a solidão, o homem abandonado de tudo, imune ao amor humano e ao amor divino. No começo, na sua bela série de bicicletas, tudo era perpassado em doce melancolia. Mais tarde, nada era tão explícito, mas entranhado nos gestos mecanizados e nos rostos funcionais sentíamos o ar desértico e a implacável prisão à que a humanidade se condenou. Armadilha e sem esperança.
A obra de Fuhro é construída numa técnica primorosa, severa, econômica. A complexa visão do artista foi sustentada por meios adequados criados por ela mesma. Nos últimos anos o motivo dos instrumentos musicais tornou-se constante. Um novo personagem do artista. E uma metáfora de oculta doçura: é possível criar uma música para a vida, quem sabe um solo improvisado de jazz, música que ele tanto amou. O artista nos deixou fragmentos do nosso tempo. Improvisos fulgurantes de um solo que só ele podia executar.



Autorretrato
Lápis, nanquim e aquarela sobre papel
Col. particular

Jacob Klintowitz
São Paulo, setembro de 2010

Governo do Estado do Rio Grande do Sul
Yeda Crusius

Secretaria de Estado da Cultura
Cézar Prestes

Direção-geral da Secretaria de Estado da Cultura
Juliana Erpen

Departamento de Preservação e Memória Cultural da SEDAC
Simone Monteiro

Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli - MARGS
Solveigue Nascimento Ecos Gonzáles

Associação de Amigos do MARGS - AAMARGS
Ambrosio Pesce Neto

Conselho Consultivo do MARGS
Analice Pillar, Antônio D'Alessandro, Beatriz Bier Johannpeter, Cézar Prestes, Félix Bressan, Icleia Cattani, Justo Werlang, Luis Fernando Cirne Lima, Luiz Inácio Franco de Medeiros, Mônica Zielinsky, Moacyr Kruchin, Renato Malcon, Túlio Milmann

Núcleo Administrativo
Ingred Evelise Maurer, Lisiane Maschka Aquino, Manuela Keunecke Leo, Maria Tereza Heringer, Solveigue Nascimento Ecos Gonzáles

Assessoria de Projetos Culturais
Regina Rosa de Godoy e Simone Lersch

Núcleo de Comunicação - MARGS
Lelei Teixeira, Manoela Rysdyk e Vera Carneiro

Núcleo de Acervo
Antônio Renato de Souza Henriques e Ariana Kalinovski Teixeira

Núcleo de Conservação e Restauração
Loreni Pereira de Paula, Naida Maria Vieira Corrêa

Núcleo de Extensão Cultural
Clesi Eliza Bozzetto, Rafael Lisboa Carvalho

Núcleo de Exposição
Célia Moura Donassolo, Luciano da Costa Monteiro, Marcos Freire de Andrade Neves, Vera Beatriz Fedrizzi

Núcleo de Documentação e Pesquisa em Arte
Ana Maria Hein, Eliane Teresinha Castro Cougo, Fernanda Cabezudo Medeiros, José Luis do Amaral, Maria Tereza Silveira de Medeiros, Marina Bonini Mieli, Natalia Cecília Rebelo, Raul César Holtz Silva, Vera Regina Luz Grecco

Exposição Henrique Fuhro

Curadoria
Renato Rosa

Assistência
Carlos Emílio Fuhro
Diego Alencar
Luis Henrique Fuhro

Programação Visual
Type design

Molduras
Edelweiss

Restauro de obras sobre papel
Eliete Pereira Corrêa

Montagem da exposição
Núcleo de exposições do MARGS
Rafael Araújo
Rafael Lisboa Carvalho

Fotografias
Fernando Zago/Studio Z

Agradecimentos
André Seffrin, Anete Abarno, Aristóteles Angheben Predebon, Aurora Campos Fuhro, Cacaio Praetzel, Daniel Chaieb, Danúbio Gonçalves, Deborah Ibañez, Decio Presser, Eliete Pereira Corrêa, Ernesto Pereira, Fernando Zago, Franklin Cunha, Gerda Bornheim, Hanne Lore Krey, Helena de Raya Ibañez, Ivete Brandalise, Ivo Bender, Jacob Klintowitz, Jane Mello Pereira, Jones Bergamin, Luis Fernando Veríssimo, Luiz de Miranda, Paulo Wainberg, Pinacoteca Aldo Locatelli, Rui Paulo Diniz Gonçalves.

Capa:
Lorna na cisterna, 2004
Acrílica sobre tela
100 x 80 cm
Col. particular

Realização:

Apoio: